

Os VI jogos parapanamericanos de 1978 no Rio de Janeiro:

história e memória do paradesporto no Brasil

The VI Parapan American Games of 1978 in Rio de Janeiro: The construction of the history of parasport in Brazil

Sandra Peres Jeronimo

**Licenciatura plena em Educação Física UERJ , Mestre em Educação – Area de
concentração Educação Especial – UERJ.**

Sandraperes75@gmail.com

RESUMO: Este trabalho discutirá o processo de implantação e desenvolvimento do paradesporto no Rio de Janeiro, tendo como foco os preparativos, a realização e as consequências dos VI Jogos Pan-Americanos de Cadeiras de Rodas em 1978. Este evento se constitui em marco fundamental para o desenvolvimento do Paradesporto no Brasil. Realizaremos uma pesquisa bibliográfica e documental, complementada pelas memórias vivenciadas por esta autora. A primeira seção é constituída por uma breve apresentação conceitual dos termos: esporte adaptado, paradesporto e paralímpico. A segunda, intitulada a Implantação do Paradesporto versa sobre o evento de 1978 e como sua realização estabeleceu as bases para a profissionalização do esporte paralímpico.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, Paradesporto, deficiente físico.

ABSTRACT: This work will discuss the process of implementation and development of parasport in Rio de Janeiro, focusing on the preparations, implementation and consequences of the VI Pan-American Wheelchair Games in 1978. This event constitutes a fundamental milestone for the development of Parasports in Brazil. We will carry out bibliographic and documentary research, complemented by the memories experienced by this author. The first section consists of a brief conceptual presentation of the terms: adapted sport, parasport and paralympic. The second, entitled Implementation of Parasports, is about the 1978 event and how its holding laid the foundations for the professionalization of Paralympic sport.

KEYWORDS: Rio de Janeiro, Parasports, physically disabled.

Introdução

"Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito"
Albert Einstein

Acompanhando uma série de megaeventos realizados na cidade, a exemplo dos Jogos Panamericanos e Parapanamericanos de 2007, e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, o Rio de Janeiro assume um lugar de destaque no cenário esportivo mundial, suscitando da parte de especialistas e do público mais amplo reflexões acerca do papel do Paradesporto na vida social e possíveis legados de megaeventos para a cidade como um todo.

O Rio de Janeiro, com toda a sua grandiosidade como ex-anfitrião dos Jogos Paralímpicos de 2016, celebrou no dia 9 de setembro de 2024 os feitos dos atletas paralímpicos brasileiros na "Cidade Luz". Após o encerramento dos Jogos de Paris 2024, o Cristo Redentor se iluminou em verde e amarelo para marcar a ocasião (O GLOBO, 2024). Os Jogos de Paris foram um sucesso de público, com 2,5 milhões de ingressos vendidos para os Jogos Paralímpicos deste ano, um número que se aproxima dos 2,7 milhões registrados em Londres, em 2012. (AGÊNCIA BRASIL, 2024).

Os Jogos Paralímpicos, ao longo do tempo, têm se consolidado como um evento extraordinário, de mídia e de público, em todo o mundo. Um levantamento realizado pela consultoria Nielsen Sports, divulgado pelo Internacional Paralympic Committee em 2017, revela dados impressionantes: a audiência acumulada durante toda a competição atingiu 4,1 bilhões de telespectadores em 160 países. Este número representa um aumento de 7% em relação à audiência da edição britânica, que até então era considerada a maior da história (NIELSEN, 2017). Esse aumento substancial na audiência indica um interesse crescente e um reconhecimento global dos Jogos Paralímpicos, destacando-os como um evento de grande relevância no cenário esportivo internacional e

demonstram seu poder de atrair e cativar um público cada vez mais diversificado.

O Brasil, em 2024, passa a ocupar uma posição de destaque entre as cinco maiores potências paralímpicas mundiais. Observa-se um crescimento significativo no setor de comercialização e financiamento ao esporte paralímpico. Esse fenômeno pode ser verificado em dados relacionados às receitas destinadas à participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos, indicando um aumento no apoio e investimento nessa área (MARQUES, 2013).

Contudo, em 1978, quando o Rio de Janeiro sediou os VI Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas, o cenário do paradesporto no Brasil era bastante distinto da situação atual. Naquela época, a inclusão do paradesporto no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, enfrentava dificuldades devido às barreiras socialmente construídas e à ausência de suporte institucional para o desenvolvimento das ações. Não havia qualquer instituição governamental de apoio ou normatização para a prática de esportes para pessoas com deficiência. Somente em 1984 deu-se início o processo de institucionalização no âmbito educacional para promover essa integração. O contexto histórico e social era diferente e o desconhecimento sobre as práticas paradesportivas expunha a sociedade a uma série de atitudes capacitistas, tornando os primeiros passos muito difíceis e desafiadores.

Durante a fase de preparação deste trabalho não foram encontradas publicações acadêmicas sobre a construção ou implantação do paradesporto no Rio de Janeiro no período de 1978 a 1982. Concordamos com Barreto (2016, p. 22) quando o autor aponta em sua tese a existência de uma lacuna em relação a estudos sobre a evolução do esporte paralímpico nos anos anteriores à criação do Comitê Paralímpico Brasileiro, efetivada somente em 1995.

A partir dessa constatação, consideramos importante retratar os fatos

ocorridos no Rio de Janeiro que possam contribuir para preencher essa lacuna temporal nos estudos sobre o tema. Como primeiro passo, partimos da seguinte indagação: como ocorreu a implantação do paradesporto no Rio de Janeiro? Para tanto, elegemos os VI Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas, realizados em 1978 no Rio de Janeiro, como marco inicial de nossa análise, com seus desdobramentos até o ano de 1982. Escolhemos este período por representar parte importante da trajetória do paradesporto construída no Rio de Janeiro, cujas marcas e legados permanecem até os dias atuais.

A primeira seção do artigo será constituída por uma breve apresentação conceitual dos termos pertinentes ao debate: esporte adaptado, paradesporto e paralímpico. A segunda seção, intitulada "A Implantação do Paradesporto - 1978 a 1982", é dividida em três subseções com intervalos de tempo fracionados. Utilizamos os Jogos como peça figurativa para ilustrar o tema a ser desenvolvido em cada uma delas:

. O início do jogo -1930 – 1950. O período de implantação do esporte sob o viés da reabilitação no pós-guerra; - 1930 – 1950;

. A década de 1950 – O Brasil entra no jogo. O Rio de Janeiro e São Paulo aderem à prática do esporte em cadeira de rodas desenvolvida nos EUA e na Europa;

. O Rio joga o jogo - dos VI jogos Panamericanos de cadeira de rodas 1978 a 1982. Os VI Jogos Panamericanos de Cadeira de Rodas e seus desdobramentos no Brasil e no mundo até 1982.

Nossa proposta será baseada em uma pesquisa bibliográfica de livros, periódicos, artigos científicos e de uma pesquisa documental pautada na análise crítica de documentação administrativa, além de memórias vivenciadas por esta autora.

Consideramos este trabalho de grande relevância, pois seu objetivo é não apenas retratar a história do Rio de Janeiro, mas também destacar sua importância e protagonismo no cenário brasileiro e internacional na construção do paradesporto. Ao abordar essa trajetória, buscamos ressaltar o papel fundamental da cidade nesse processo, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento e a visibilidade do paradesporto, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Uma breve apresentação conceitual

Ao escolhermos o paradesporto no Rio de Janeiro e sua trajetória a partir de 1978 como tema do nosso trabalho, consideramos relevante apresentar algumas definições dos termos "paradesporto" e "paralímpico". Para tanto, recorreremos às definições explicativas utilizadas por Ciro Winckler (2022), em seu trabalho *Pedagogia do Paradesporto e seus Cenários*. Este autor, para diferenciar esses dois termos, utiliza como base de entendimento a ideia de conjunto onde um grupo maior pode conter um grupo menor. Esporte é uma palavra polissêmica (BENTO, 2000), ou seja, possui inúmeros significados e possibilidades. Assim, o esporte pode ser visto através de diferentes ângulos, que constituem suas diferentes formas de manifestação: o “esporte saúde” tem uma ênfase maior no exercício físico como ação terapêutica; o “esporte educacional” tem no ensino/aprendizagem seu maior fator de impacto; o “esporte lazer” tem seu foco na ocupação do tempo livre e obtenção do prazer; e o “esporte de rendimento”, cujo resultado e a competição passam a ser centrais no processo (COSTA & WINCKLER, 2012, p. 15).

O “esporte adaptado” pertence ao conjunto maior, pois todos os esportes utilizam a adaptação de modalidades esportivas para sua prática. No entanto, as atividades paradesportivas e paralímpicas, partes integrantes deste conjunto maior, apresentam características de aplicabilidade próprias aos objetivos de cada uma. Em nosso trabalho, torna-se necessário conhecer as dimensões do paradesporto e do esporte

paralímpico e especificidades de sua utilização como prática esportiva. O Paradesporto, com suas inúmeras possibilidades e diversidades, tanto nas adaptações das modalidades quanto nas diferentes formas e finalidades de prática, permite que sejam visualizados vários caminhos de entrada no esporte, como na saúde, na reabilitação no âmbito socioeducacional e outros (ibid).

Por outro lado, o esporte paralímpico tem suas modalidades adaptadas para o alto rendimento, com regras e normas rígidas para participação (WINNICK, 2004). Marques et al. (2012), consideram que o esporte paralímpico pode ser compreendido de maneira mais ampla, possibilitando ao atleta, dentre inúmeras conquistas, o reconhecimento e a valorização de seus feitos esportivos, e não apenas a superação de sua deficiência.

Observa-se que a ideia promovida pelo movimento paralímpico e fomentada pela mídia ao longo dos anos, de retratarem os atletas paralímpicos como super heróis e realizadores de grandes feitos, pode ser vista como uma tentativa simplista de desconstruir a concepção de incapacidade das pessoas com deficiência, tão arraigada no imaginário social. No entanto, essa abordagem pode desvalorizar outras ações concretas que contribuem de maneira mais ampla e efetiva para subverter a lógica social da exclusão.

Em 1978, ao organizar os Jogos Panamericanos de Cadeira de Rodas, o Rio de Janeiro não apenas sediou um evento, mas proporcionou à cidade um legado social que, ao longo de 38 anos, foi um agente influenciador na construção dos megaeventos de 2007 e 2016. Assim, a partir dessa leitura, iniciaremos uma reflexão sobre a trajetória do paradesporto de 1978 a 1982, período na implantação do paradesporto no país.

Implantação do paradesporto de 1978 a 1982

O início do jogo 1930 – 1950

Há mais de 100 anos, o esporte integra o universo das pessoas com deficiência (IPC, 2010). Winnick (2004) menciona atividades esportivas com alunos com deficiência visual em Boston, em 1838, e em Berlim, em 1888. Apesar de haver relatos de práticas anteriores à Segunda Guerra, elas ocorreram de forma isolada e sem continuidade. Concordamos com Barreto (2016) que as competições em cadeira de rodas promovidas por Sir Ludwig Guttmann, em 1948, na Inglaterra, foram as referências para as ações atuais.

Em 1944, ao assumir a liderança médica do setor de lesões medulares no Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury, Inglaterra, Sir Ludwig Guttmann propôs a inclusão da prática esportiva como complemento ao tratamento fisioterápico. Ele identificou complicações fisiológicas, psicológicas e depressão como principais causas de morbidade (80%). Para Guttmann, o esporte proporcionaria maior mobilidade aos pacientes, ajudando-os a sair do leito hospitalar, interagir com outros e alcançar maior independência física, facilitando sua mobilidade e reintegração social (GUTTMANN, 1976; STROHKENDL, 1996).

Adams et al. (1985, p. 12) vai além e considera que "graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participar, produzir, trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade". Guttmann (1986) complementou a prática esportiva ao criar competições, ideia que surgiu "acidentalmente" ao lançar uma bola de papel no lixo, sentado em uma cadeira de rodas e usando sua bengala como um oponente, originando o polo em cadeira de rodas. Essa modalidade foi posteriormente substituída pelo basquete em cadeira de rodas, que, a partir de 1946, tornou-se o esporte mais popular entre associações de veteranos nos hospitais da Europa.

Nos EUA, veteranos de guerra lesionados formaram o primeiro time de basquete em cadeira de rodas, realizando apresentações em vários estados para incentivar outros ex-combatentes a praticar esportes e sensibilizar a população sobre as mutilações causadas pela guerra. A partir desse movimento, os professores Benjamin Lipton e Timothy Nugent lideraram o recrutamento e treinamento de equipes de basquete em cadeira de rodas, promovendo apresentações em todo o estado como parte do Programa de Reabilitação Esportiva, posteriormente instituído pelo governo americano.

Convencido dos benefícios do esporte e do crescente interesse de pessoas com deficiência por locais de prática, em 28 de julho de 1948, durante a abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, ocorreram em Aylesbury, Inglaterra, os primeiros Jogos de Stoke Mandeville no hospital de mesmo nome. A simultaneidade do evento buscava chamar a atenção da mídia e demonstrar ao público que o esporte competitivo não era exclusivo para pessoas "fisicamente aptas", mas também um direito de indivíduos com deficiências graves (GUTTMANN, 1976, p. 24).

Em 1949, entusiasmado com o sucesso do ano anterior, Guttmann declarou no *The Cord Journal* que os Jogos de Stoke Mandeville teriam caráter internacional e importância equivalente aos Jogos Olímpicos. Essa publicação inspirou homens, mulheres, profissionais e ex-combatentes a planejar os Jogos como uma esperança de vida em um período de desilusão. Em 1952, com a participação de um time de ex-combatentes holandeses, o sonho de internacionalizar os Jogos começou a se concretizar. Em 1953, representantes de países como Austrália, Canadá e Finlândia tomaram conhecimento do evento, iniciando um movimento global de organização do esporte para pessoas com deficiência (BAILEY, 2008; ARAUJO, 1996). A crescente procura evidenciou a paraplegia espinhal como um problema mundial (GUTTMANN, 1976). Apesar do interesse em promover os Jogos junto às Olimpíadas, Guttmann destaca a grande

diferença entre estes eventos, na forma na execução e nos objetivos propostos.

Os Jogos de Stoke Mandeville não são exclusivos para campeões, mas abertos a deficientes em cadeira de rodas, desde aqueles com habilidades moderadas até as mais avançadas. Estes jogos marcam a evolução da reabilitação esportiva, passando de uma atividade recreativa para uma prática competitiva, ao mesmo tempo em que mantêm a participação, a socialização e os princípios do esporte como complemento ao processo de reabilitação (GUTTMANN, 1976, p.26)

Em 1959, firmou-se acordo entre a Federação Mundial de Veteranos, o Comitê de Stoke Mandeville e a organização dos Jogos Olímpicos de Roma para que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville de 1960 fossem realizados na capital italiana, nas mesmas dependências. Nesse ano, o complexo esportivo no Hospital de Stoke Mandeville foi inaugurado, com a presença da Rainha Elizabeth. O complexo foi ampliado e adaptado graças à mobilização de ex-combatentes de toda a Europa, especialmente da Holanda, o que aumentou o interesse dos países em participar dos jogos.

Já nesta época, o termo "Paralímpico" foi utilizado pela primeira vez por Alice Hunter, uma paraplégica do Hospital de Stoke Mandeville, em um artigo intitulado "Alice at the Paralympiad" para o *The Cord Journal of the Paraplegics*. Embora a publicação tenha gerado boa repercussão, o termo não foi adotado por Guttmann, que manteve a denominação Jogos Internacionais de Stoke Mandeville (SILVESTRE e CIDADES, 2009).

A repercussão dos Jogos de 1960 foi muito positiva, como destacado pelo Papa João XXIII, que parabenizou os ex-combatentes participantes pelo "grande exemplo do que a energia de uma alma pode realizar, apesar dos impedimentos e obstáculos impostos pela deficiência" (GUTTMANN, 1976,

p. 25). Na mesma cerimônia, o padre Leo Close, paciente do Hospital de Stoke Mandeville, recebeu do Papa a "permissão" para se tornar o primeiro bispo católico "*on wheels*" (GUTTMANN, 1976, p. 26). Em 1964, o Japão recebeu os Jogos de Stoke Mandeville em Tóquio, no mesmo local dos Jogos Olímpicos, com a presença da família imperial na recepção aos atletas. Assim, deu-se início ao envolvimento político e social das autoridades nos Jogos para deficientes.

Nos quatro ciclos olímpicos subsequentes, de 1968 a 1984, as cidades-sede não receberam os Jogos para deficientes em suas instalações por diversas razões. Além dos motivos já mencionados, é relevante destacar que inicialmente a inclusão da pessoa com deficiência no esporte se deu pela reabilitação, e sua presença na arena esportiva onde eficiência e habilidades não são consideradas, pode ter causado uma "leve" rejeição (HILGEMBERG, 2019, p. 6).

Nesse período, observa-se um aumento no número de países engajados no movimento paralímpico, com uma mobilização internacional que resultou no surgimento de novas entidadesⁱⁱ e no fortalecimento do movimento mundial. A realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos na mesma cidade-sede voltou a ocorrer em 1988, quando Seul decidiu sediar ambos. Segundo Parsons (2012), "essa decisão foi fortemente influenciada por motivações religiosas, com a crença de que, ao fazer o bem em sediar ambos os eventos, o povo coreano obteria benefícios existenciais futuros". Em 1992, Barcelona adotou pela primeira vez um Comitê Olímpico e Paralímpico unificado. A partir de então, todas as propostas para os Jogos Olímpicos de 1996 em diante precisariam ser submetidas a esse Comitê para avaliar a realização dos Jogos Paralímpicos no mesmo local. O presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Juan A. Samaranch (1994)ⁱⁱⁱ, observou que, após os Jogos de Barcelona 1992, "os Jogos Olímpicos tiveram o mesmo sucesso que os Paralímpicos, e isso é um sinal de que devemos ver as pessoas com deficiência de forma diferente e levá-las mais a sério". (COMITE OLIMPICO ESPAÑOL, 1994)

Década de 50: o Brasil entra no jogo

No final dos anos 50, o Brasil começou a incorporar a prática esportiva para pessoas com deficiência física. Sergio Del Grande, após adquirir uma deficiência, relatou que, na época, não havia institutos de reabilitação no Brasil, e a equipe médica recomendou “se ele tivesse condições financeiras, buscasse reabilitação adequada nos Estados Unidos” (ARAUJO, 1996). Robson Sampaio, que residia no Texas para estudar e trabalhar, sofreu um acidente no trabalho e foi reabilitado nos EUA, onde vivenciou a prática esportiva em um centro de reabilitação (O GLOBO).

Durante sua estada nos EUA, Robson Sampaio e Sergio Del Grande vivenciaram a prática de atividades físicas obrigatórias nos programas de reabilitação que incluíam a prática esportiva como complemento ao tratamento fisioterápico. Sergio Del Grande e Robson de Almeida Sampaio, no retorno ao Brasil e trouxeram consigo experiências adquiridas nos EUA. Em 1º de abril de 1958, Robson fundou o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro, em 23 de julho do mesmo ano, Del grande cria o Clube dos Paraplégicos em São Paulo (COSTA E SOUZA, 2004; ARAUJO, 19960; PARSONS E WINCKLER, 2012).

Com a inauguração do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, e do Clube do Paraplégico, em São Paulo, os confrontos esportivos passaram a dominar o cenário carioca. O Ginásio Gilberto Cardoso, o Maracanãzinho, tornou-se o palco dos três encontros do Torneio Rio-São Paulo de basquete em cadeira de rodas, com a equipe paulista vencendo em 1959 e a carioca conquistando os títulos em 1960 e 1961.

Somente no ano de 1967 os jogos panamericanos em cadeira de rodas foram incorporados ao calendário internacional, com a primeira edição em Winnipeg, Canadá. O movimento se fortalece ano após ano, e a partir de

1969 o Brasil passou a buscar contato com os países da América. Neste ano, cariocas e paulistas se unem na formação da primeira seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas para disputarem os II Jogos Pan-Americanos na cidade de Buenos Aires, Argentina.^{iv}

Para os III Jogos Pan-Americanos, em 1971 na Jamaica e os IV Jogos em Lima em 1973, o cenário brasileiro permaneceu inalterado. Apesar das inúmeras dificuldades e da desorganização técnica nas palavras de Aldo Miccolis no jornal *Superação*, a participação brasileira na modalidade de basquete “foi marcante” (MICCOLIS, 1988).

Diferentemente dos Jogos Pan-Americanos de 1971 e 1973, a formação da equipe brasileira de basquete em cadeira de rodas surpreendeu a todos ao desembarcar na Cidade do México, em 1974, para os V Jogos Pan-Americanos, com duas delegações brasileiras: “Quando a delegação desembarcou, nós fomos comunicados de que o Brasil já estava lá, e realmente estava. A bandeira do Brasil já havia sido hasteada, e lá estava a delegação de São Paulo.” (ALDO MICCOLIS, JORNAL SUPERAÇÃO, 1988). Por motivos políticos, houve um desentendimento entre dirigentes do Rio de Janeiro e de São Paulo na convocação dos atletas, resultando na inscrição de seleções separadas: o Rio de Janeiro com o Clube do Otimismo e São Paulo com o Clube dos Paraplégicos.

Para evitar a desclassificação do país, Robson de Almeida entrou em entendimento com a comissão internacional sobre a regularização da situação brasileira e comprometeu-se a sediar os VI Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro. No entanto, a Federação Internacional de Esportes em cadeira de rodas fez uma exigência: “[...] formar uma associação nacional, pois dali para frente eles só queriam lidar com uma associação nacional, e não com entidades espalhadas” (JORNAL SUPERAÇÃO, 1988). Assim, em 18 de agosto de 1975, foi fundada a ANDE^v, com sede no Rio de Janeiro e reconhecimento nacional como entidade representativa do esporte em cadeira de rodas no Brasil e em âmbito internacional (ARAUJO, 1996). Entre

1975 e 1978, ela organizou os Jogos Nacionais como preparação dos atletas para os VI Jogos Pan-Americanos que seriam realizados no Rio de Janeiro.

O Rio joga o jogo – dos VI jogos Panamericanos de cadeira de rodas 1978 e 1982

Em 1978, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) comemorava a recente graduação de sua primeira turma de Educação Física. Durante o curso de pós-graduação em técnica esportiva, soubemos da existência de um movimento de pessoas em cadeira de rodas que, segundo relatos, planejavam simular um abraço ao redor do Complexo Esportivo do Maracanã, palco dos VI Jogos Pan-Americanos. O gesto simbólico tinha como objetivo chamar a atenção da mídia e do público, buscando maior apoio dos setores governamentais para a realização dos VI Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas.

Ao tomarmos conhecimento dos Jogos Pan-Americanos para pessoas com deficiência física, nosso interesse pelos detalhes de sua organização foi despertado, especialmente por desconhecermos a longa trajetória desse movimento, presente no Brasil há 28 anos. Fomos informados de que os jogos seriam realizados no Complexo Esportivo do Maracanã, com as provas de nataação no Estádio Júlio Delamare, competições de atletismo no Estádio Célio de Barros e disputas de basquete e tênis de mesa no Maracanãzinho. A proximidade dos alojamentos e refeitórios para os atletas e os locais de competição era uma exigência internacional para a realização do evento. Assim, a ex-sede do Museu do Índio, na Rua Mata Machado, foi utilizada para acomodar competidores, técnicos e equipes de apoio, enquanto as refeições seriam servidas no restaurante localizado no 5º andar do Estádio do Maracanã, com as devidas adaptações.^{vi}

O envolvimento da UERJ na cessão de suas instalações e na mobilização de seus alunos para participação voluntária já havia sido previamente acordado entre a direção do instituto de Educação Física da UERJ – IEFD e

os membros do comitê dos jogos. As atividades voluntárias abrangiam uma ampla gama de responsabilidades, desde a tradução para os médicos classificadores nas reuniões técnicas sobre as regras e regulamento dos jogos, até a participação nos treinamentos dos atletas brasileiros. Além disso, os alunos também assumiriam a responsabilidade técnica das equipes durante a realização do evento. Apesar da quantidade de funções atribuídas, nos sentíamos motivados em exercê-las, pois havíamos concluído um curso em que a prática, aliada ao conhecimento em disciplinas como fisioterapia, nos proporcionava uma base sólida e segura para desempenharmos aquelas funções, com a devida cautela, sob a supervisão de profissionais experientes, tanto do Brasil quanto de outras partes das Américas.

Após uma breve preparação no Simpósio Técnico-Médico do Desporto em Cadeira de Rodas^{vii}, onde atuamos como ouvintes e intérpretes, recebemos um convite do Dr. Caibre MacCann^{viii} para auxiliá-lo nas interpretações dos trabalhos de classificação dos atletas de diversas partes do mundo no período antecedente ao início das competições. Com atenção às explicações desse experiente médico, durante o processo de classificação dos atletas^{ix}, participamos das observações práticas. Embora ainda não tivéssemos assumido oficialmente as funções de treinamento ou de responsabilidade técnica na equipe brasileira, a partir desse contato inicial pudemos coletar informações sobre os atletas, as modalidades, as provas, os impedimentos das classes esportivas e as limitações impostas pela deficiência, bem como os riscos e cuidados necessários para o desenvolvimento de uma prática esportiva segura.

Após a coleta de dados e definição das etapas a serem desenvolvidas, iniciamos os treinamentos com a equipe de atletismo do Brasil. Contávamos com as informações coletadas nas classificações médicas sobre as deficiências e seus comprometimentos, o que foi um grande auxílio para a elaboração das atividades de forma segura. O maior desafio era garantir que as adaptações técnicas fossem organizadas e realizadas

adequadamente, assegurando a execução prática com base em um amplo conhecimento da modalidade – uma competência essencial para qualquer profissional envolvido no esporte adaptado, especialmente de alto rendimento.

No dia 18 de novembro de 1978, às 19h, no Rio de Janeiro, no Estádio Célio de Barros, sob o comando da ANDE, tinha início o cerimonial de abertura dos VI Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas. Evento Internacional com a participação de 1000 atletas representantes dos três continentes americanos nas modalidades de arco e flecha, halterofilismo e pentatlo. O Brasil se fazia representar por oitenta atletas oriundos dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso^x (SUPERAÇÃO, 1988).

Era um cenário novo para nós e, para os atletas muitas eram as mudanças: a regularidade no treinamento de uma modalidade específica; o uso de implementos de campo; as adaptações nas cadeiras de corrida para melhorar o desempenho dos atletas; e as classificações, que eram conferidas a muitos pela primeira vez, colocando-os em grupos de classe^{xi} de iguais.

Aldo Miccolis considera que o “surgimento de profissionais de educação física interessados em se dedicar à área, especializando-se no esporte em cadeira de rodas”, tenha sido o saldo mais positivo dos VI Jogos Pan-Americanos em cadeira de rodas: “Este fato deu grande impulso ao desenvolvimento de outras modalidades, como o atletismo e a natação” (SUPERAÇÃO, 1988).

A realização dos VI Jogos Panamericanos de Cadeira de Rodas no Rio de Janeiro marca o início da implantação do movimento paradesportivo na cidade. A participação de profissionais, em sua maioria recém-formados na UERJ, trouxe uma nova perspectiva às questões organizacionais e práticas do paradesporto. Aldo Miccolis, em sua fala, reconheceu o esforço e a

dedicação desses profissionais, assim como o interesse deles em se especializar no esporte em cadeira de rodas. Na época, o Rio contava com quatro entidades^{xii}, todas envolvidas na prática esportiva em cadeira de rodas. Algumas dessas instituições participaram dos Jogos Pan-Americanos, com a presença de seus atletas, assistentes, auxiliares e dirigentes.

Com o término do evento e os excelentes resultados alcançados, surgiu um crescente interesse em dar continuidade às práticas paradesportivas. No entanto, algumas associações possuíam cláusulas em seus estatutos que restringiam a formalização do trabalho de profissionais sem deficiência, limitando essa função ao voluntariado. Esse era o caso da SADEF, liderada por José Gomes Blanco, cuja paixão pelo esporte vinha de uma carreira promissora como goleiro da seleção de futsal, interrompida por uma lesão medular causada por um projétil de arma de fogo. Em busca de aperfeiçoar as práticas esportivas para pessoas com deficiência física na entidade, Blanco prontamente convidou alguns profissionais para se unirem a ele no desenvolvimento da modalidade de atletismo, além de fortalecer outras atividades já existentes, comprometendo-se a fornecer aos profissionais toda a infraestrutura logística para a realização dos treinamentos, além do custeio de transporte e os investimentos em cursos de atualização e aperfeiçoamento.

E é nessa configuração que o esporte em cadeira de rodas vai tomando espaço por meio das associações, sob a supervisão da ANDE, que reconhecia nos Jogos Nacionais uma oportunidade de expandir as práticas esportivas no Brasil. A participação internacional era vista como um estímulo para que todos os atletas pudessem vivenciar o funcionamento das organizações internacionais e o desenvolvimento tecnológico. Esse contexto permitia explorar as possibilidades de adaptação de materiais esportivos e facilitava a aquisição de aparatos e acessórios para cadeiras de rodas, tanto esportivas quanto de uso diário, que eram inacessíveis no Brasil. Quaisquer das ações realizadas pelas associações era revertida para

a cidade do Rio e posteriormente para o país. As iniciativas de desenvolvimento, manutenção e crescimento das modalidades ficavam a cargo das associações: a ANDE cabiam outras competências; aos governantes, o silêncio.

A ascensão das associações cariocas é percebida nos Jogos Nacionais. O interesse dos atletas de entidades das diversas regiões brasileiras é aguçado, ocasionando em alguns casos a migração ao Rio de Janeiro, por um curto período, para desfrutarem da estrutura física e organizacional dos treinamentos disponíveis à época. Porém, este protagonismo acende nos dirigentes da associação organizadora um interesse na propagação dos resultados alcançados pelas associações cariocas para o exterior. O envio de profissionais, juntamente com a delegação brasileira de basquete em cadeira de rodas para as Paralimpíadas de Arnhem (1980), na Holanda, poderia facilitar a participação destes na modalidade de atletismo, a qual também estavam inscritos. Não houve sucesso na proposta, por não se considerarem preparados para assumirem tarefa de tamanha magnitude.

Em 16 de dezembro de 1976, a ONU aprova a Resolução nº 31/123 e institui o ano de 1981 como o “Ano Internacional para as Pessoas Deficientes”.^{xiii} (ONU, 1981). Nesse mesmo ano, o Rio de Janeiro sagrou-se campeão absoluto dos VII Jogos Nacionais em Curitiba, Paraná. Os resultados obtidos por Amintas Piedade, atleta capixaba, que veio para o Rio ainda recém-nascida, foram compatíveis com as performances de atletas de mesma classificação em anos anteriores em Stoke Mandeville. Defender uma representação única em uma modalidade recentemente sistematizada e ter sucesso, seria, no mínimo, arriscado ou até audacioso. O argumento de que uma atleta poderia conquistar três medalhas, enquanto uma equipe de seis pessoas teria a chance de ganhar uma ou nenhuma, conquistou o apoio dos investidores. No Ano Internacional da Pessoa com Deficiência, nada mais justo do que mostrar ao mundo que o Brasil também poderia subir ao pódio. Foi com esse argumento que a atleta do Rio de Janeiro colocou o Brasil, na modalidade de atletismo, em

destaque no cenário mundial.

O ano de 1981 gerou uma comoção mundial sobre a questão das pessoas com deficiência, destacando as barreiras arquitetônicas e atitudinais presentes no cotidiano. A mídia britânica, presente nos Jogos de Stoke Mandeville, retratou o feito de Amintas Piedade em uma matéria publicada no *The Sunday Telegraph* de Londres, na edição de 2 de agosto de 1981, p.33 Aminthas Piedade uma jovem atleta que sua técnica conheceu em uma visita a um club no Rio: “Apesar de sua doença (sic) [...] Aminthas realizou milagres no resultado do lançamento do dardo e arremesso do peso. Ela é uma grande guerreira, mas todos eles que estão aqui o são^{xiv} (THE SUNDAY TELEGRAPH, p. 33, 1981, tradução nossa). Aminthas Piedade retorna ao Rio de Janeiro trazendo na bagagem cinco medalhas de ouro e dois recordes mundiais – as primeiras medalhas de ouro conquistadas em Jogos Internacionais.

A partir de 1981, o foco do país se volta para os treinamentos no Rio de Janeiro. Atletas de várias regiões do Brasil e instituições cariocas aderem à rotina de treinamentos no Rio. O ambiente do Célio de Barros, repleto de desportista de renome internacional, inspira os atletas em cadeira de rodas a se dedicarem ainda mais aos treinamentos. A divisão dos espaços fica sob a responsabilidade dos técnicos, que garantem o uso equilibrado e justo do local por todos. Devido à presença simultânea de competidores com e sem cadeira de rodas, os cuidados eram redobrados. Por questões de segurança, os horários de treinamento dos atletas com deficiência sofriam alterações, muitas vezes sem aviso prévio. Mesmo assim, arranjos de última hora eram feitos para que se evitassem transtornos que pudessem prejudicar as funções laborais dos deficientes em suas associações. Esses ajustes, embora incômodos, eram preventivos e não discriminatórios.

Os espaços públicos, como a Quinta da Boa Vista, também eram utilizados em ocasiões específicas de treinamento. A constante escassez de

acessórios fazia parte do cotidiano, e muitas vezes éramos levados a adotar estratégias alternativas, como utilizar as rampas gramadas da Quinta da Boa Vista. Nesses treinos, o atrito dos pneus com o solo era eficazmente reduzido. O desgaste e a possível deterioração dos equipamentos prejudicariam a função laboral do atleta junto à Associação, que não tinha condições de repor o material.

Para técnicos, preparadores físicos e professores, as formas restritas de comunicação dificultavam o acesso às informações e as atualizações dos resultados eram feitas por postagens ou assinaturas em revistas especializadas da época. O contato com países da América do Sul e Europa durante campeonatos internacionais ocorria anualmente, contrastando com a necessidade de mudanças mais frequentes. As avaliações preliminares dos atletas aconteciam nos Jogos Nacionais, e, a partir dessa fase, os treinamentos eram realizados em suas associações. Atletas de outros estados se hospedavam em associações amigas ou adversárias durante os campeonatos, que sempre os acolhiam quando necessário. O suporte e controle dos treinamentos eram disponibilizados a todos, sem restrições, pois o objetivo maior transcendia as animosidades entre as associações, pelo menos nas arenas de treinamento. Vale lembrar que essas ações partiam das associações por iniciativa própria, não da ANDE, à qual estavam vinculadas.

Para os critérios de seleção das equipes, os organizadores internacionais estabeleciam índices mínimos e, devido à limitação de recursos, o Brasil precisava definir metas de desempenho para a convocação final. As passagens para competições internacionais eram limitadas e podiam sofrer ajustes de acordo com a “possibilidade” de quem as cedia. Da seleção à inscrição definitiva dos times, havia uma lacuna tão grande quanto a expectativa dos atletas.

Os índices eram obtidos nos treinos realizados no Estádio Célio de Barros, sempre no último dia do prazo para envio da lista quantitativa aos órgãos

internacionais. Atletas de clubes cariocas, sem deficiência, que compartilhavam o mesmo espaço de treinamento com os atletas com deficiência, voluntariamente auxiliavam na aferição dos resultados de corrida, lançamento e arremesso dos atletas em cadeira de rodas.

Esse procedimento fazia parte de um critério de imparcialidade e transparência, com os resultados assinados e disponíveis para consulta, o que garantia confiança e credibilidade não apenas entre os atletas, mas também junto à mídia, que frequentemente questionava as chances do Brasil em campeonatos internacionais. A compatibilidade entre os resultados previstos e os efetivamente conquistados reforçava essa confiança. A repercussão positiva na mídia ajudava a manter o movimento presente no imaginário do público, que muitas vezes desconhecia feitos dessa natureza. Segundo Martín-Barbero (2009, p.43), "os meios de comunicação de massa são importantes mediadores culturais dos fenômenos sociais, tanto pela sua onipresença no cotidiano das pessoas como pela sua hegemonia na produção e emissão de discursos".

Quatro anos após nossa estreia no movimento desportivo em cadeira de rodas, a equipe brasileira partiu para os VII Jogos Pan-Americanos em Halifax, Canadá, competindo nas modalidades de atletismo, natação e tênis de mesa, com uma delegação de 14 atletas de diversos estados do Brasil. Com o aumento do número de atletas, ampliaram-se as oportunidades tanto qualitativas quanto quantitativas em relação aos resultados, incentivando a adesão de mais deficientes à prática esportiva, assim como representantes do poder público, privado e terceiro setor.

As classificações médicas eram um capítulo à parte nos encontros internacionais. Elas ocorriam antes do início das competições, quando os atletas eram submetidos ao processo de classificação médico-esportiva, categorizando-os em uma classe de "iguais funcionais". Na visão de Guttmann (1976, p. 35), isso assegurava uma competição justa entre participantes de classes semelhantes e priorizando as habilidades mais

severas.

Nos exames neurológicos, consideravam-se questões como a causa da lesão, a amplitude e o grau de movimento articular, além da força muscular remanescente, entre outros fatores. Testes de força muscular, com variações de 0 a 5 graus de resistência, eram aplicados em membros superiores e inferiores, por uma equipe de médicos avaliadores e observadores. Os avaliadores aplicavam a resistência, enquanto os atletas exerciam força para vencê-la. A cada grau de força superado, um valor era atribuído. Embora o procedimento fosse simples de entender e aplicar, era difícil estabelecer parâmetros precisos entre as forças 3, 4 e 5. A pequena diferença entre os graus de força era inversamente proporcional ao tamanho das habilidades requeridas para cada uma delas. Caso houvesse qualquer inabilidade do examinador na aplicação do teste, poderia haver um impacto direto na classe para a qual o atleta seria designado. A soma dos pontos dos membros superiores e inferiores determinava a classe ou classificação do atleta. Essa contraposição de forças, poderia ser afetada por questões subjetivas, variando de quem a aplicava para quem se destinava a avaliação.

Na classificação final, eram considerados múltiplos fatores que, muitas vezes, não seguiam objetivos claros e previamente definidos. Havia casos de atletas simulando suas condições, alegando falta de precisão nos testes, alegando variarem de acordo com a localização geográfica do avaliado, gerando desconfiança mútua entre avaliadores e atletas.

"Os classificadores não podiam impedir os jogadores de trapacear; no entanto, as razões dos atletas nem sempre estavam baseadas em obter vantagens, mas em serem classificados de maneira mais justa em comparação a outros jogadores. Queixas sobre o sistema de classificação médica eram frequentemente manifestadas nos torneios." (CASTELLANO, 2001, p.73)

Para o Brasil não era diferente, em Halifax, por exemplo, dois atletas

brasileiros que conquistaram 7 medalhas de ouro, cinco delas com recordes panamericanos e mundiais, foram alvo de uma apelação dos EUA e Canadá, que pediram a reclassificação devido à incompatibilidade de categoria com suas performances. Após apelação e novos exames, o recurso foi ganho, os resultados ratificados e os atletas mantidos em suas classes, mas com a condição de reavaliações em todas as competições internacionais. Desde então, o Brasil tornou-se um alvo potencial para países desenvolvidos.

Mesmo com adversidades ocasionais, a equipe brasileira que participou dos Jogos Parapan-Americanos em Halifax retorna vitoriosa, conquistando 27 medalhas, sendo oito de ouro. O Jornal dos Sports destaca o evento com a matéria intitulada: “Brasil volta com o 5º lugar no Pan-Americano em Halifax, no Canadá” (JORNAL DOS SPORTS, 1982). Os atletas Aminthas Piedade e Luiz Cláudio Pereira foram novamente os destaques da delegação. Das 27 medalhas, 17 foram conquistadas por atletas cariocas. Mais uma vez, os atletas do Rio de Janeiro brilham, e o Brasil agradece.

Considerações finais

A visibilidade proporcionada pelo esporte provoca as mais diversas reações populares. No mundo, o esporte em cadeira de rodas, desde seu início, traz consigo a proposta de demonstrar as habilidades de ex-combatentes oriundos dos centros de reabilitação. No Brasil, em 1950, Robson Sampaio e Sergio Delgrande trouxeram dos EUA a experiência adquirida em centros de reabilitação americanos, onde a prática esportiva era utilizada como complemento nos tratamentos terapêuticos de lesados medulares. Robson Sampaio cria o Clube do Otimismo/RJ e Sergio Delgrande o Clube dos Paraplégicos/SP.

A partir de 1959, o Maracanãzinho tornou-se palco das exhibições de três contendidas esportivas realizadas em três anos consecutivos, com vitória do

Rio de Janeiro em duas delas. As exposições superaram as expectativas dos organizadores e romperam limites geográficos, com apresentações realizadas em Buenos Aires. O Rio de Janeiro participou dessas empreitadas em conjunto com os times de São Paulo, formando a seleção brasileira de basquete em cadeira de rodas para competições internacionais, como os Jogos de Stoke Mandeville, os Pan-Americanos e os Jogos Paralímpicos. Em 1975, foi fundada a ANDE, representante brasileira do esporte para deficientes físicos junto à comunidade internacional.

Em 1978, o Rio de Janeiro tornou-se sede dos VI Jogos Pan-Americanos em cadeira de rodas, com a participação de 1.000 atletas de diversos países das Américas. Este evento, na visão de Aldo Miccolis, foi um marco no processo de transformação da prática esportiva para deficientes no Brasil. O Rio, então, tornou-se o centro das atenções de dirigentes de associações para deficientes e da ANDE. A partir deste ano, as práticas de atletismo passaram a fazer parte do cenário do Estádio Célio de Barros, das dependências da Quinta da Boa Vista e do entorno do Maracanã. Para os deficientes, a convivência com os atletas no Celio de Barros durante os treinamentos fortaleceu a ideia de superação, incentivando-os a conquistar cada vez mais espaço nos ambientes esportivos e sociais.

Os cariocas passaram a conviver e a dividir os espaços nos locais públicos utilizados para treinamento, como ruas e logradouros, interagindo por meio de atitudes de ajuda, comunicação ou mesmo com gestos indiretos de admiração, mais voltados ao respeito do que à comoção. Em 1976, nos Jogos de Stoke Mandeville, o Brasil conquistou sua primeira medalha em jogos internacionais na modalidade de bocha em duplas. Luis Carlos e Robson Sampaio, precursor do esporte em cadeira de rodas no Rio de Janeiro, foram os vencedores da medalha de prata em uma modalidade na qual o Brasil não possuía a mesma tradição que o basquete em cadeira de rodas.

O evento de 1978, realizado no Rio de Janeiro, mudou definitivamente o cenário dos esportes paralímpico no Brasil. A partir de então, em uma sequência de eventos internacionais, o Brasil começou a se destacar em uma modalidade que havia sido iniciada naquele ano. O resultado positivo aumentou o interesse da mídia em divulgar as conquistas brasileiras, despertando a atenção de políticos e atraindo profissionais de diversas áreas. Esse movimento incentivou a institucionalização de ações que permitissem maior acessibilidade a outras deficiências nos mais diversos campos do conhecimento.

Desde então, diversas ações foram implementadas, e os feitos da equipe brasileira, que tiveram início em momentos marcantes da história, continuam a se expandir e a impactar o campo até os dias atuais. O Rio de Janeiro, mais uma vez, se destaca como um elemento fundamental na construção da história, reafirmando seu papel central no desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência no Brasil. Valorizar os fatos e torná-los visíveis é uma escolha de quem reconhece sua importância, mas é essencial não negar a existência ou relevância deles. Acreditamos que outros trabalhos e estudos darão continuidade a essas ações, preservando as histórias e memórias de quem as construiu e para quem foram construídas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, R. C. et al. Jogos, esportes e exercícios para deficientes físicos São Paulo : Manole, 1985.
- AGÊNCIA BRASIL. Paralimpíada de Paris soma mais de 2 milhões de ingressos vendidos. Costa e Winckler <https://agenciaBrasil.ebc.com.br>. Acesso em: 7/10/2024
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: [s.n.], 1996
- BAILEY, Steve. Athlete First: A History of the Paralympic Movement. West Sussex: John Wiley, 2008
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: [s.n.], 1996
- BARBERO Martín-Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia, Editora UFRJ, Rio de Janeiro (2009)
- BARRETO, Michelle Aline. Esporte Paralímpicos brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas, (1976 –1992). (Tese de doutorado) – Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, 2016.
- BENTO. J.O. Do futuro do desporto e do desporto do futuro. In: Costa, Alberto Martins; Winckler, 2012 A Educação Física e o Esporte Paralímpicos, 2012.
- CASTELLANO, Márcia Lomeu Classificação funcional no basquete sobre rodas: critérios e procedimentos. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- COMITE OLIMPICO ESPAÑOL. Esportes para minusválidos físicos, psíquico y sensoriales. España: [s.n], 1994. 405 p.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). Regras e Regulamentos do IPC Athletics 2010-2011, 2014. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/wp-content/uploads/2011/12/Regras-oficiais-de-Atletismo-do-IPC-Traduzida.pdf>>.
- COSTA, Alberto Martins da; WINCKLER, C. Educação Física e o Esporte Paralímpico- contexto histórico. In: MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. Esporte paralímpico. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.
- COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoní. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, SC, v. 25, n. 3, 132 jul. 2004. ISSN 2179-3255. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/236/238>. Acesso em: 7 nov. 2015.
- GUTTMANN, L Textbook of Sport for the

Disabled. HM+ M Publisher Ltda. Milton Road, Aylesbury, Bucks, England. 1976. Acesso em: 7/10/2024

HILGEMBERG, Tatiane. Jogos paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. Recorde, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2019.

GUTTMANN, L. The Second National Stoke Mandeville Games for the Paralysed. Cord, 3,24. 1949.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC). Disponível em:

HAIACHI, M. C. et al. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. Ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, p. 2999-3006, out. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001002999&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11/07/2024

JORNAL DOS SPORTS. O Brasil volta com o 5º lugar no Pan-Americano em Halifax, no Canadá, Jornal dos Sports, Seção Esportes, 1982.

MARQUES, R F. R. et al., Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralimpico Brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.27, n.4, p. 583 – 596, out. 2013.

O GLOBO. Cristo Redentor terá iluminação especial para celebrar campanha do Brasil nas Paralimpiadas, Redação do ge, RJ, 2024. <https://ge.globo.com/paralimpiadas>

O GLOBO. A importância das instituições gestoras do esporte. Publicada em 26 de setembro de 1989, no jornal O Globo, Matutino página 31.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Disponível em: http://www.pcdlegal.com.br/convencaoonu/wp-content/themes/convencaoonu/downloads/ONU_Cartilha.pdf. Acesso em: 22/10/2024

PARSONS, Andrew; WINCKLER, Ciro. Esporte e as pessoas com deficiência – contexto histórico. In: MELLO, Marco Túlio de; WINCKLER, Ciro. Esporte paralímpico. São Paulo: Editora Ateneu, 2012.

SILVESTRE P. F. ; CIDADES. Ruth Eugenia Amarante. Introdução à educação física adaptada para pessoas com deficiência. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009.

STROHKENDL, H. The 50th Anniversary of wheelchair basketball. Münster: By Armand Tip Thiboutot, 1996.

SUPER AÇÃO: Esporte entre portadores de deficiência, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, mar. 1988.

THE SUNDAY TELEGRAPH JOURNAL. Spinning wheels to win medal. Londres, p. 33, edição de 2 de agosto de 1981.

WINCKLER, C. A pedagogia do paradesporto e seus cenários, 2022 Disponível em

https://youtube/s1_QcVBOORA

Acessado: em 17/7/2024

WINNICK, Joseph. P. Introdução à Educação Física e esportes adaptados. In: WINNICK, Joseph. P. Educação Física e esportes adaptados. [Tradução da 3. ed.] de Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2004

Notas

i “Sobre rodas” termo simplificado que a primeira participação oficial do para caracterizar o atleta em cadeira Brasil tenha sido nos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires.

ii Organização Internacional de ^v Em 18 de Julho de 1975 funda-se a Esportes para Deficientes – ISOD – ANDE, Associação Nacional de Internacional Stoke Mandeville Games Desporto para Deficientes. Com a Federation (ISMGF) Em 1978 surge a proposta de responder pelo Desporto Associação Internacional de Desporto Adaptado brasileiro e estimular a e Recreação para Paralisados prática esportiva em cadeira de rodas Cerebrais (CP– ISRA); Em 1981 a em âmbito nacional e internacional.

Associação Internacional de Desporto ^{vi} Dados coletados do folder para Cegos (IBSA); 1982 o Comitê promocional dos VI Jogos Internacional de Coordenação (ICC) Panamericanos de Cadeira de Rodas Responsável por coordenação os fornecidos ANDE.

Jogos Internacionais para deficientes, ^{vii} O Simpósio técnico-médico foi substituído em 1989 pelo Comitê realizado no auditório do 6º andar do Paralímpico Internacional (IPC) Maracanã.

iii Juan Antonio Samaranch atuou como ^{viii} Dr Caibre MacCann, de Portland, Presidente do Comitê Olímpico Maine, médico responsável pela Internacional (COI) de 1981 a 2001. classificação médica para a participação

iv Aldo Miccolis, no Jornal Superação, de atletas deficientes nos Jogos atribui aos Jogos Pan-Americanos de Internacionais.

Buenos Aires a primeira participação ^{ix} A classificação aqui mencionada se internacional do Brasil. No entanto, refere a análise de observadores Sérgio Del Grande, citado por Araújo, médicos para agrupar os atletas em menciona que o time de basquete do categorias de equivalência de Clube dos Paraplégicos de São Paulo, impedimentos.

os “Ases em Cadeira de Rodas”, ^x Alguns dados foram coletados do participou de três jogos contra a jornal superação e outros do folder equipe de basquetebol da Argentina informativo produzido para os VI Jogos em 6 de dezembro de 1958. Como Panamericanos em Cadeira de rodas, esse não foi um evento oficial, nem contendo um breve histórico dos jogos, parte dos Jogos Pan-Americanos, dos programa, dados da classificação Mundiais de Stoke Mandeville ou dos médica, modalidades e relação dos 23 Jogos Paralímpicos, consideramos, países convidados.

social, ou seja, de Participação Plena, enfim tudo que pudesse melhorar as condições de vida destas pessoas, foi esta ira pertencer, variando de acordo com os resultados da avaliação dos classificadores quanto ao potencial muscular remanescente nos atletas. 1981 como Ano Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiências. (ARAUJO, 1976, p.113).

^{xi} Denominação utilizada para designar a que grupo de deficiência esta ira pertencer, variando de acordo com os resultados da avaliação dos classificadores quanto ao potencial muscular remanescente nos atletas. 1981 como Ano Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiências. (ARAUJO, 1976, p.113).

^{xii} O Clube do Otimismo, fundado em 1958 o Clube do Paraplégico do Rio de Janeiro, 1965, o Clube dos Amigos da ABBR – CLAM – ABBR 1973 e a SADEF, 1969 (data em que foi adquirida a sede da entidade na Rua Ana Neri, 969 em Triagem).

^{xiii} Uma política voltada para o atendimento desta população em diferentes setores como: educação, saúde, trabalho, profissionalização, oportunidades de acesso, assistência

^{xiv} O trecho correspondente em língua estrangeira é: Aminthas Piedade a Young athlete her coach Knew when she was visiting a club in Rio. Despite her illness, [sic] Aminthas performed miracles with the javelin and shot put She is very brave but then so many athletes here are.